VIRGILIO DE SÁ

AS DUAS MENTIRAS

Typ. da PATRIA PORTUGUEZA

Rua Guilherme Moreira N. 5.

MANÁOS

Ao meu querido mestre e amigo
Ex.^mo Sr. Arthur Alberto Ferreira
da Silva; offereço este rascunho, producto
de meia hora de trabalho.

Manáos — Abril, 1922.

A superessencia das harmonias; — o regente abstracto do Cosmos; o supremo architecto da Naturêsa imperfundavel; o criador invulneravel das repulsões e atracções da chimica e biologia; o sublime e maravilhoso artista da voluvel figura — o homem!...

— Eis, quem é Deus!

AS DUAS MENTIRAS

A Verdade e a Mentira são irmãs gemeas.

Julio Brandão (Figuras de Barro)

I

Noite de inverno. O céo, em missanga desata
O orvalho que condensa em laminas de prata,

Sobre a cidade, á hora, em que a loucura vã...
Entra no *cabaret*, entra no *restaurant*,

De braço dado á *noiva* em syphilis embrenhada
Que lhe inocula o germe até de madrugada.

São horas mortas, são. Hora em que os varredores
Vão levando no enxurro os tragicos amores

Desfeitos n'um papel: — cartas de namoradas —
Feito em pedaços mil, do alto das sacadas,

E lançados á rua, escondendo adulterios,
A fraude, a crapulice e todos os mysterios

Que á mente nos não vêm. Hora em que o vagabundo
Desprende uma canção... aguardentado, immundo.

II

De barba mui comprida, um velho altivo e esperto,
Sondava, attentamente, a rua e, deu bem perto

Com seu desejo, que era uma taberna tosca,
Onde o vinho tem agua e a comida tem mosca.

Só para se aquecer e tomar algum *grog* . . .
Na bruta consciencia em que seu frio afogue.

E, seguindo parou, para ler um letreiro
Duma taberna á luz frouxa d'um candieiro.

E leu: *La Vita Nuova* e franze as sobrancelhas
Porém . . . antes de entrar no reinado das celhas,

Pisando o patamar, disse fitando os céos:
Sustei-vos, eis-me aqui ! . . . Este homem, era Deus.

III

Sobre uma tôsca mêsa e, por signal, de pinho,
Mui bem polida a cebo e de embutes de vinho,

Jazia, a dormitar, uma figura esqualida
De negra sobrancelha e de fronte mui pallida.

Tinha o aspecto vil, de creatura immunda,
—Na harmonia perfeita ao meio que o circunda! —

E Deus, em passo lento, entrou . . . e ao ver, alli,
Tal monstro a dormitar, quer retirar-se. . . e ri.

Pois, se lembrou de ter um passatempo, —e ria—
Acordando o Diabo, o monstro, que dormia.

E, chegando-se á mêsa o Deus, num safanão,
Acorda o Belzebut, gritando a bom pulmão:

-Tu por aqui, oh escarneo? Oh grande Belzebut!...
omo estás de saude?... Então como vaes tu?!...—

o Demo, extremunhado, ebrio e mal composto,
itando Deus, responde, inda esfregando o rosto:

Eu, bem»! e como vas, oh monstro da mentira?!
De nós ambos, não sei quem o homem prefira

Tu, sempre que me vês, o insulto é sempre o mesmo:
Tu, por aqui, escarneo?...-E tu?!... Mentes a esmo

«Nos Vedas, no Alcorão, na Biblia!... Palhaçadas!...
«Não me faças fallar! Nossas vidas ligadas

«Por naturêsa são. E's *um pobre diabo*,
«Que sendo Deus, julgou do que criou dar cabo.

«Impéro sobre ti; meu Genio prevalece!
«O Bem, nunca se vio; ao menos, o Mal vê-se.

E Deus responde então, mas, com certo embaraço,
Raivoso, cofiando as barbas rijas de aço:

—Que dizes, tu, bandido?... oh sombra negra e má!
—Fui eu quem te criei? Quem te inventou? Diz lá!...

—Responde, lama vil, oh verme do monturo!
—Sempre tentaste, tu, ferir meu peito, duro,

— E espalhar sobre a Terra o teu odio execrando,
— De assassinato e roubo e atheismo nefando,

— De dores, maldições, de *purêsas* corruptas,
— N'um transformismo, audaz, de mães em prostitutas;

— Do homem crente e bom, transformal-o num instante
— N'um impiedoso e máo... num lubrico tratante!

— Eis, como és, escarro, oh monstro, oh maldição!...
— A lama, não tem alma e não tem coração!...

E o Diabo, que estava attento a Deus ouvindo,
Responde com cynismo, angelico, sorrindo:

«Sou inimigo teu, dos bens da terra e céos!...
«Sê mais cordato! pensa, e lembra-te que és Deus!

«Eu que sou Genio máo e mui groceiro, emfim,
«Apesar de ser mau, nunca te ataco assim!...

«Que seja eu quem te insulte... estou no meu papel,
«Mas, és tu Deus do Mundo e não Deus d'um bordel...

«Para taes expansões de impudica firmêsa;
«E Deus é um Genio e deve usar delicadêsa!!

«Com isto te avassálo, em verdades humanas,
«Porque... aqui para nós... hypocritas e insanas

São as causas que nós julgamos defender,
Extirpando a retina á Razão p'ra não vêr.

E encolerisado, Deus, gritou-lhe furibundo,
N'uma vóz cava, que, não era d'este mundo:

—Que dizes tu, patife?!...—Eu contamino a Luz
—Em tua companhia, engangrenada... em puz!

—Eu, que a lanço ao Mundo enfeitando-o de galas?...
—Não conheces, decerto, o Genio, com quem falas!

«Deixa de presumir!... Diz Belzebut a rir:
«Tu que aqui entraste, então, que mandas vir?

«Bebes feixes de Luz arrancados ao céo,
«Ou rama de algodão? Qual o desejo teu?

«Por mim, só creosote, agua-raz, ou picratos
«Desfeitos em sulfur, ou mesmo bichromatos

«De ammonio, ou potassa; a mim tudo me serve,
«Até chumbo em calda, em meu 'stomago ferve.

E Deus, responde:—Nada!—Eu se aqui entrei,
—Estonteado, louco, oh!... mesmo, nem eu sei...

—Foi só para fugir ao orvalho que cae;
—Mesmo, aquecer-me um pouco, o frio que ahi vae.

—Córta o rosto a quem passa, e lembra gumes d'aço
—Lançados lá do céo, desfiados no espaço.

Dando uma gargalhada, o Diabo interrompeu:
«E's humano a falar!... O Deus do mal sou eu!...

«Essa geada que vês, eu a mandei cahir...
«Para ferir os teus... se a podes repellir...

«Sustêl-a no espaço... eu valho mais que tu!
«A rajada, apparece á vóz de Belzebut,

«Assim como o cyclone, em fórmas ideaes,
«Pomposas, que te arranca as proprias cathedraes.

«De trigo, nem um grão no pé que o sustém,
«Consente pois o leva aos pantanos alem.

«Se fallo ao monstro, o Mar, os odios que elle encerra,
«Elle explodindo, salta aos urros sobre a Terra.

«Impéro sobre ti!!! Pergunta tu a alguem
«No Mundo que sustens, se algum dia vio o Bem!

«E o mal como se sabe é muito conhecido
«Em toda a parte está, gordo e fortalecido.

«E tu... que tanta força esbanjas no falar,
«Tu para seres um Deus, deixas a desejar!!!

E rancoroso, Deus, ergue-se de repente
E diz: — Lucifer, vae, retira-te, serpente!

— Tudo quanto disséste é falso! Pois sustenho
— Com um só dedo, um só!... Truques do teu engenho.

— Quando tentas forjar teus odios, embusteiro,
— Eu sei e os sustenho e conheço-os primeiro!

E o Diabo, cofiando um chifre retorcido,
Diz como um bom, um justo, um santo, um rei ungido:

«Se chamo o terremoto, apparece e revolve
«A Terra e o Ser vivo impávido os dissolve!

«E a Humanidade diz, ante o Mal que a assolou:
«Se não morreram mais, foi Deus que não deixou!

. . . .
. . . .

Houve, de parte a parte, um estrondoso urro!...
Como quaesquer mortaes atiraram-se murro.

IV

Philosophia Sã, alegre e sorridente,
De cabellos á solta em quaes não pousa o pente,

De tunica sombria, esfarrapada, nua,
Indifferente foi passar na mesma rua,

Onde o Diabo e Deus se batem calorosos,
De olhares em congestão e craneos vaporosos.

E ella ao passar em frente á taberna, parou,
Ouvindo a discussão, percebeu e escutou...

E entrando de relance, assiste ás embrulhadas
De murros e torções, rasteiras bofetadas.

De fronte altiva, então, ella gritou aos dois:
Ha ciumes no commercio?... Então vós o que sois?

ienios do Bem?... Do Mal?... ou arlequins de feira?
Quem vos sustenta é tolo, acabo a baboseira!..

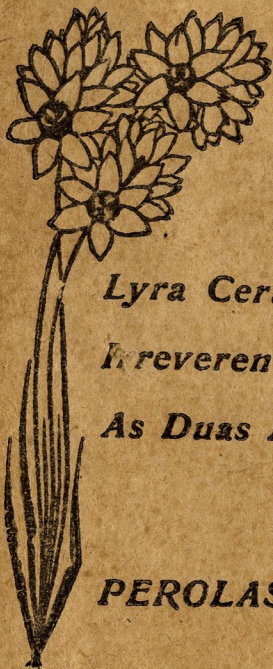
Deu um pontapé em Deus e outro no Diabo;
A este, por um triz, quase lhe arranca o rabo.

E agarrando-os a pulso, empurra-os p'ra rua,
Que com a geada espelha os reflexos da lua.

E os dois, a rebolar nas pedras da calçada,
Sócam-se mutuamente, em força desvairada.

....

....

Philosophia Sã, — diz para os varredores: —
Lévem d'aqui depressa, estes dois impostores!

Do mesmo auctor:

Lyra Cerula — (Lisboa, 1908).

Irreverencias ?... — (Lisboa, 1910).

As Duas Mentiras — (Manáos, 1922).

A seguir:

PEROLAS DO PANTANO.

lameda Cosme Ferreira, 1756 Cx. Postal, 478 CEP - 69.083 Fone (092) 236-9400 - TELEX